

ENSAIO GERAL

Autor: Maria da Graça Ferreira Freire Nunes

Gênero: Drama

Atos: 1

Cenas: VII

Número de Personagens: 3 mulheres

Personagens:

Agnes

Bárbara

Carla

Número de páginas: 14

Número de exemplares: 1

Tema: Duas mulheres, uma opressora a outro oprimida, com o desenrolar da peça a situação inverte-se, surgindo uma nova oprimida, após a saída da que inicialmente era a opressora e reiniciando o ciclo.

TEATRO DE ARENA : 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Documento Histórico

Texto: "ENSAIO GERAL"

Autor: Maria da Graça Ferreira Nunes

Certificado nº 13.017 de 5 de setembro de 1984, cópia carbono com indicação de impropriedade.

Observações:

- Cópia heliografada de livro impresso do texto com carimbo de censura.
- Não possui outras cópias.

Não é Sócio. Sujeito à
Autorização Direta do autor

S. B. *[Handwritten signature]*



*OK
C. B. B.*

*LU
de 18/2*

Maria da Graça Ferreira Freire Nunes

*Vitoriosa na categoria Teatro com
Ensaio geral, Maria da Graça concorreu
sob o pseudônimo Julieta Barcellos.*

*Bacharel em Artes Cênicas e Licenciada
em Arte Dramática pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul,
realizou Mestrado em Teatro na Northwestern
University, Evanston, Illinois, EUA.
Atualmente é Professora Assistente do
Departamento de Arte Dramática da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

TEATRO DE ARENA - 226-0241
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90016

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226-0242 - CEP 90020-025



ENSAIO GERAL

*A ação transcorre num lugar indefinido em 1981.
A progressão de tempo também é indefinida.*

CENÁRIO: Um espaço teoreticamente dividido em duas áreas básicas. Cada uma delas pertence a um dos personagens: Agnes e Bárbara. Ao iniciar a peça uma das áreas parece habitada; uma cama desarrumada — apenas um colchão sobre o assoalho e caixas de madeira, algumas das quais dispostas para serem usadas como assentos. Nas prateleiras vêem-se objetos de uso pessoal. Na outra área as caixas estão vazias e empilhadas. O colchão enrolado indica que está fora de uso. No fundo do palco, um velho armário de louças. Em todo o espaço cênico encontram-se apenas objetos absolutamente indispensáveis à subsistência. Não há nenhum sinal de luxo ou conforto. A mobília é rudimentar.

CENA I

É tarde da noite. Agnes está deitada num colchão sem lençóis, dormindo enrolada numa colcha suja. Bárbara



la e retira alguns objetos — revistas, folhas de papel, uma tesoura — que coloca no chão perto da cadeira. Agnes tira um cigarro do bolso.

está de pé, segurando uma velha mala e duas almofadas. Ela acaba de chegar. Apertando uma das almofadas contra o peito, ela observa Agnes dormindo. Agnes acorda e, com um movimento brusco, senta-se encarando Bárbara. Após alguns segundos, sorri, mas seu sorriso não expressa nenhuma simpatia. Sua expressão é fria, irônica, quase ameaçadora.

AGNES: Ah! ... Você chegou afinal... (friamente). Está atrasada. Já estou te esperando há um bom tempo.

BÁRBARA: Mas como é que você sabia... (observando a expressão inquisidora de Agnes)... que eu ia chegar.

AGNES: Há sempre alguém chegando...

Pausa longa. Agnes levanta-se vagarosamente e dirige-se para Bárbara, medindo-a de alto a baixo. Bárbara, tensa, não se move e olha apreensivamente para Agnes. Esta, de repente, tenta arrancar a almofada das mãos de Bárbara, mas não consegue diante da resistência da outra.

AGNES: (Cinicamente) Fique à vontade. (Mostrando o espaço com um gesto cerimonioso). Este é o seu lar (ri, mas de repente agressiva). Eu disse fique à vontade. TE MEXE!

Bárbara começa a mover-se, mas logo pára, pega sua bagagem e encaminha-se para a área que está designada para ela. Coloca a mala no chão. Passeia o olhar ao redor numa espécie de silenciosa avaliação: um colchão, uma poltrona, um baú e algumas caixas de madeira. Agnes observa-a com um sorriso cínico.

BÁRBARA: Suponho que são estes os objetos para meu uso pessoal...

AGNES: (Soltando uma gargalhada). Claro! ... Tudininho pra você...

BÁRBARA: O que é que você quer dizer com isso? ...

AGNES: Nada. Esquece. Com o tempo você vai entender.

Por um instante Bárbara encara Agnes e em seguida dá-lhe as costas para arrumar suas coisas. Abre a ma-

AGNES: (Incisiva) Me dá fogo.

Bárbara volta-se para ela, num primeiro momento sem entender. Então retira uma caixa de fósforos da bolsa e oferece-a à Agnes, que permanece imóvel, olhando-a firmemente. Após um segundo de hesitação, Bárbara vai até Agnes, que continua sem fazer nenhum gesto para apanhar os fósforos. Bárbara espera com os fósforos na mão. A tensão aumenta. Finalmente Bárbara acende o cigarro de Agnes. Bárbara vira-se para arrumar a mobília ao seu gosto. Ao puxar o colchão, ela nota algo no assoalho.

BÁRBARA: O que é isso? Parece queimado. Alguma coisa queimou aqui.

AGNES: (Aparentando um tom distante e casual). Não é nada... Alguém deve ter adormecido com um cigarro aceso. Sabe como é... essas coisas acontecem. Às vezes uma pequena distração pode ser fatal. Não te preocupa e... (ironicamente) constrói o teu ninho.

Bárbara, impressionada, afasta o colchão e não pergunta mais nada. Ocupa-se em experimentar diferentes maneiras de dispor os móveis.

AGNES: Tive uma amiga que entrou numa dessas. Boa gente, baita cabeça. Era médica, cardiologista. Uma cara legal. Tinha mania de ser mulher liberada. Livre, forte, solta, auto-suficiente. Sem laços, sem compromissos. Apostava nas relações abertas, mas na hora H sempre se fodia. Quando a cara largava dela, entrava na maior fofsa — quem não? E aí, filha, baita paranóia. Se entupia de meleca "pra esquecer" e curtia aquela de "o mundo está contra mim". O velho papo de: "ninguém me vê como eu sou! Só querem é saber de satisfazer suas expectativas. Querem ver em mim o que eles gostariam que eu fosse e não o que eu sou realmente". Saco!

Teatro — Prêmio Revelação / 73



(Pausa curta. Tom casual). Pois é: — numa dessas o jacaré bobeou e virou bolsa. Dançou. Se passou na meleca e fechou os olhinhos com o cigarro aceso. (Rindo divertida). E deu pra ela. A chaminé virou fonalha. Ficou desse tamanhinho. (Mostra com as mãos uma distância de mais ou menos uns 40cm). Enrugadinha, enrugadinha... Uma passinha preta. (Ri).

BÁRBARA: (Chocada) Como é que você pode falar assim? Ela era sua amiga.

AGNES: (Cinicamente) Ora, coração. Você não tem senso de humor?

BÁRBARA: (Indo até o baú e abrindo) Não esse tipo de humor. (Subitamente dá um grito e recua com um salto). Uma barata! Enorme! Duas! Três!

Agnes ri gostosamente.

BÁRBARA: (Em pânico) Me ajuda! Eu odeio esses monstros! Eu não suporto!

AGNES: (Rindo ainda) Então mata!

BÁRBARA: Eu não posso. Tenho medo de chegar perto. Elas podem atacar.

AGNES: E morder seu lindo narizinho? Você consegue imaginar elas subindo pelos seus braços, pelo seu rosto, entrando na sua boca... nos seus olhos...?

BÁRBARA: (Enojada, histérica) Pára com isso!

AGNES: (Friamente) Ora meu amor. *Você* é que devia parar com essa cena histérica e fazer alguma coisa. Acho melhor você matar as baratas se quiser pôr os seus bagulhos aí e dormir sozinha, sem esses bichos fodendo a paciência no meio dos lençóis.

Bárbara compreende que Agnes não a ajudará e, dominando a repulsa e o medo, tenta pateticamente matar as baratas com um chinelo, enquanto Agnes, às gargalhadas, grita "Bravo!" Depois de matar os insetos, Bárbara atira longe o chinelo e senta-se na cadeira exausta, a ponto de chorar.

AGNES: Muito bem. Que tal um sorrisinho, minha boneca? Você ganhou o primeiro round.

Bárbara fita Agnes com um ressentimento beirando o ódio. Levanta-se e recolhe as baratas com um pedaço de papel que atira no banheiro. Pega um pano úmido, limpa o baú e começa a arrumar suas coisas dentro dele. Com duas caixas ela constrói uma estante, onde coloca suas revistas, alguns livros, duas caixas de madeira de sua propriedade (uma pequena e a outra maior), um relógio despertador, um espelho e um cinzeiro. Por fim, ela pega três grandes flores de papel com longas hastes de madeira e fixa-as numa fenda atrás da estante. Agnes observa a atividade de Bárbara, fumando calada, com uma expressão irônica no rosto. Agnes canta uma canção, às vezes apenas cantando, outras vezes deixando perceber fragmentos de letras. Quando Bárbara vai lavar as mãos, Agnes vai até a cama de Bárbara e se deita nas almofadas. Bárbara retorna e ao ver Agnes, pára irritada...

BÁRBARA: Esta é a *minha* cama. Eu arrumei para mim!

AGNES: Aqui não tem lugar para individualidades. Aqui todas as coisas são *nossas*; tudo pertence a nós duas. Regime comunitário. Nunca ouviu falar? Se quiser pode usar a minha cama. Eu não me importo.

BÁRBARA: Você pode não se importar, mas *eu* me importo e quero você fora da minha cama. (Pausa. Controlando-se, conciliatória). Olha aqui, eu não quero ser grosseira mas... (Agnes sorri). Nós vamos viver juntas daqui por diante, sabe Deus por quanto tempo... Nós não podemos fazer nada contra isso. Simplesmente *temos* que viver juntas. Portanto, na minha opinião, a melhor coisa a fazer é tentar viver em paz, sem conflitos, entende? Você fica com as suas coisas no seu lugar e me deixa em paz com as minhas coisas no meu lugar. Desse jeito vai ser mais fácil. Eu não te incomodo e você não me incomoda. Você pode não ligar para organização, mas para mim isso é importante. Eu gosto das minhas coisas nos seus lugares, nos lugares que eu escolhi para elas... Eu gosto de tê-las sempre à mão, para poder usar quando eu quiser. Será que você compreende isso? Eu tenho o hábito de sentar em cadeiras, não na cama, pela simples razão de que não gosto de dormir

numa cama desarrumada, com lençóis amassados. Por favor, procure entender e cooperar comigo. Vai ser melhor para nós duas. Vamos tentar viver em paz.

AGNES: (Como se falasse com uma criança, mas claramente irônica) Tudo bem. Não precisa chorar, benzinho. Eu vou fazer o que você está pedindo, OK. (Mais irônica). Pronto! O ninho é todo seu. (Levanta-se e senta-se numa caixa de madeira perto da cama. Teatralmente, com a mão no coração). Eu tentarei — de todo o meu coração — viver em paz com você. Eu prometo!

BÁRBARA: Obrigada. (Pausa longa). Bom... ahm... (Constrangida, ela senta-se em sua cadeira). Escuta, eu... (Agnes começa a respirar de maneira estranha, com dificuldade). Eu realmente não quero ser grosseira. Eu sei que eu tenho as minhas manias. Às vezes até pareço egoísta... Reconheço que eu não sou uma pessoa fácil, mas... Você tem que ter um pouco de paciência comigo... Eu... realmente quero ser sua amiga. (A respiração de Agnes agora é sofrida. Ela pressiona o peito com as mãos numa visível expressão de agonia. Bárbara, preocupada, corre até ela).

BÁRBARA: O que é que você tem? Ai, meu Deus, você está bem?
AGNES: É a asma. Esse gato maldito começou a chiar de novo. (Pausa). Me dá a bomba. Rápido!

BÁRBARA: (Quase em pânico) Mas onde é que ela está? Vem cá... deita na minha cama. (Ela ajuda Agnes a recostar-se nas almofadas). Fica quieta, não te mexe... Eu vou encontrar a bomba.

Bárbara corre até a cama de Agnes e vasculha-a freneticamente, procurando pelo remédio para a asma. Agnes, na cama de Bárbara, sorri cinicamente enquanto observa o nervosismo desta procurando o remédio. Quando Bárbara, após encontrar a bomba, volta para perto dela, Agnes retoma a encenação.

BÁRBARA: (Ansiosa) Está aqui... Toma!

Agnes usa uma pequena porção do remédio e continua a sua *performance*.

BÁRBARA: Pronto. (Pausa ansiosa). Está se sentindo melhor agora?

76 / Maria da Graça F. Freire Nunes

AGNES: (Com a voz débil) Estou... estou melhor. Estou conseguindo respirar de novo.

BÁRBARA: Que bom... Então fica aí bem quieta. Descansa um pouco. Tenta dormir. Eu cuido de você.

Bárbara senta-se no chão, apoiando-se na cadeira.

AGNES: (Os olhos fechados e a voz sonolenta) Sabe... eu estava lembrando da minha amiga... (Ela volta a cabeça lentamente para Bárbara e abre levemente os olhos)... Ela costumava dizer que nascemos loucos... aí aprendemos a representar papéis, adquirimos uma moral e nos tornamos estúpidos e infelizes. Aí morremos.

Fade out. Fim da primeira cena.

TEATRO DE ARENA - 226-0242

Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

CENA II

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835 Bárbara dirige-se para a sua cadeira, excitada com a perspectiva de executar o ritual do cigarro. Ela só fuma um por dia.

BÁRBARA: (Esfregando as mãos) Um cigarrinho!

Bárbara coloca uma mantilha sobre os ombros, ajeita as almofadas na cadeira, instala-se confortavelmente e pega o maço de cigarros. Agnes está deitada em sua cama, muito quieta, fumando.

BÁRBARA: (Descobrimo que o maço de cigarros está vazio) Mas não é possível! (Voltando-se para Agnes). Agnes...? Você andou fumando meus cigarros?

AGNES: (Inocentemente fingindo espanto) Por quê?

BÁRBARA: (Perdendo a calma) Fumou ou não fumou?

AGNES: Ei, qual é que é?

Teatro — Prêmio Revelação / 77



BÁRBARA: (Contida, mas controlando-se com dificuldade) Eu te fiz uma pergunta. Quer fazer o favor de responder?

AGNES: (Chocada) Que diabo está acontecendo agora? Você está louca? Gritando como uma gata no cio?

Bárbara salta da cadeira e corre até o baú para procurar os outros maços de cigarros. Sua suspeita se confirma: estão todos vazios. Ela vai pegando um por um e atirando-os de volta ao baú. Fora de si, volta-se para Agnes.

BÁRBARA: Você teve a capacidade de... E os teus cigarros? Por que é que tinha que pegar os meus; alguma vez eu sequer toquei nas tuas malditas coisas? Você não tem nenhum respeito! (Agnes ri, o que deixa Bárbara ainda mais furiosa). Chega! Chega! Você passou dos limites! Eu não te suporto mais! Usa as minhas roupas, come a minha comida, dorme na minha cama! (Agnes fingindo espanto, conta nos dedos cada uma das ações enumeradas por Bárbara). Você é um monstro sugando o meu sangue... e ainda por cima quebrou o meu relógio!

AGNES: (Imediatamente) Não foi culpa minha. Eu só queria ajudar. Ele estava sempre atrasado. Eu fui tentar consertar.

BÁRBARA: Consertar? Com o salto do sapato?!

AGNES: (Inocente) Bom... não tinha nenhuma ferramenta...

BÁRBARA: (Explodindo) Monstro! Eu te odeio! Te odeio! (Bárbara vai até Agnes, a mão levantada para esbofeteá-la. Agnes levanta-se rápida e encara Bárbara desafiadoramente).

AGNES: Bate! Bate!

Bárbara estaca diante de Agnes, a mão levantada, estatizando no meio da ação.

AGNES: (Em voz baixa e num tom de ameaça e desafio) Vai, bate! (Súbito, num grito). *Bate!*

Bárbara fecha os olhos, deixa cair o braço e baixa o rosto. Toda tensão de seu corpo se esvai. Vagarosamente ela se vira e caminha para sua cadeira. Senta-se, exausta.

AGNES: (Falando entre dentes enquanto Bárbara se afasta) Está na bonequinha de cristal.

Bárbara fita Agnes.

BÁRBARA: (Debilmente) Você sabia que era importante pra mim.
AGNES: Ah, não fode!

Bárbara esconde o rosto com as mãos. Agnes vai para sua cama e atira-se nela. Depois, recostando-se numa das caixas deixa-se ficar sem fixar a atenção em nada. Gradualmente seu rosto e seu corpo vão se distensionando. Ela vira-se e observa Bárbara, sentada em sua cadeira, escondendo o rosto como uma criança assustada. Por um instante transparece uma expressão de ternura no rosto de Agnes, mas que logo se transforma em frieza quando Bárbara se move. O rosto desta é agora visível; sua expressão é de fragilidade e tristeza. Abraça o próprio corpo, embalando-se suavemente, o olhar vazio.

AGNES: (Vai até o balcão, tentando dar um tom de naturalidade à sua voz) Café?

Bárbara não responde. Seu rosto parece ausente enquanto os dedos brincam com uma mecha de cabelo. Segurando a xícara de café, Agnes pega uma almofada da cama de Bárbara, cruzando pela frente desta e espiando a sua reação. Bárbara não reage. Agnes senta-se no chão e começa a tomar o café. Bárbara pega um cesto e algumas revistas e coloca tudo no chão perto da cama. Do cesto, ela retira uma tesoura, um cortador de papel, cola e folhas de papel colorido, e começa a fazer uma espécie de colagem.

AGNES: Hora de lazer! (Levantando-se). Você fica brincando com as suas figuras enquanto eu faço os meus joguinhos.



Agnes começa a caminhar em círculos. Pausa longa.

AGNES: (Brincando com o som das palavras)
Folga... fóssil... fome... fogo
Função... fungo... funesto... fúnebre
Fingir... fisgar... findar... fim
(mudando de tom) Começar. (Olha para Bárbara, que parece não ouvir. Irritada). FODA!

Agnes recomeça a caminhar para perto de Bárbara.

AGNES: (Olhando a colagem) Inexpressivo.

Bárbara fita Agnes com uma clara expressão de "vante à merda".

AGNES: (Explicando) Falta paixão:

Bárbara dá um suspiro, tentando manter o controle e retoma sua colagem.

AGNES: Sabe... se eu fosse você, eu...

Ela se ajoelha e tenta mexer nas figuras. Bárbara, num movimento rápido, agarra a mão de Agnes para impedir-lhe o gesto e afasta-a da colagem.

AGNES: Eu só estava tentando ajudar. Uma simples contribuição...

Agnes se recosta na cama de Bárbara e começa a folhear uma revista. Bárbara solta um profundo suspiro, visivelmente irritada.

AGNES: (Inocente) Estou atrapalhando?

BÁRBARA: Absolutamente.

AGNES: Ainda bem (volta-se para a revista. Em seguida olhando para Bárbara). Continue... (Referindo-se à colagem). Você está indo bem.

80 / Maria da Graça F. Freire Nunes



BÁRBARA: (Irônica) Mesmo?

AGNES: Claro! Lógico que não é nenhum Picasso ou um Braque, mas funciona. Está muito bonito. Você é muito criativa.

BÁRBARA: Por que é que você está sempre debochando de mim? Quem você pensa que é?

AGNES: Nós somos aquelas que encontraram o caminho de volta a esta cena.

BÁRBARA: (Percebendo o duplo sentido) Fantástico! Você sempre tem alguma coisa profunda pra dizer.

AGNES: A frase não é minha... é um trecho dum poema.

BÁRBARA: Que você traz escondido na manga como uma cartomante de segunda classe, pra usar no momento oportuno.

AGNES: Igual a você, com as suas besteiras.

Como por acidente, Agnes atira a revista sobre a colagem, misturando as figuras. Bárbara reage violentamente.

BÁRBARA: Olha só o que você fez! Olha aí! Por que é que você não me deixa em paz?

AGNES: (Agressivamente) Sinto muito. Não foi de propósito...

BÁRBARA: (Cortando) Foi, sim! Foi, sim! Você sabe que foi!

AGNES: (Num tom exagerado e falso) Muito bem. Foi de propósito. Tudo intencional. Eu estou aqui pra te incomodar, te ferir, te torturar. Certo? Eu vou fazer tudo pra te deixar louca, todas as coisas que você não gosta... Eu vou rasgar essa merda agora mesmo!

BÁRBARA: Não te atreve a fazer isso!

Ela aponta ameaçadoramente o cortador de papel para Agnes. Agnes agarra o pulso de Bárbara. Impulsivamente, Bárbara puxa a mão ferindo Agnes com esse movimento. Agnes sente o sangue brotando. Atônita, fascinada, ela olha para sua mão e depois para Bárbara.

AGNES: Você conseguiu. Meu Deus, você conseguiu!

BÁRBARA: Meu Deus! Meu Deus! Como é que eu pude... Eu não queria te machucar! Eu juro! Eu não... O que é que eu faço agora?

Teatro - Prêmio Revelação / 81

(Pausa). Vem cá, deixa eu ver. (Tenta tocar em Agnes, que recua, continuando a olhar sua mão como numa espécie de transe). Não se afaste. Eu não vou te fazer mal. Por favor, acredita em mim. Eu não queria...

Subitamente enraivecida, Bárbara vai até sua cama, pega a colagem e começa a rasgá-la, atirando longe os pedaços. Agnes começa a sair de seu transe. Reage como se estivesse sendo ferida.

AGNES: (Quase inaudível) Não, não faz isso, não...

A expressão de fascínio do rosto de Agnes começa a transformar-se em decepção. Ela dá alguns passos em direção a Bárbara e pára.

AGNES: (Gritando) BÁRBARA!!!

Bárbara pára abruptamente. O choque provocado pela voz de Agnes chama-a de volta à realidade. Silêncio. Elas ficam se olhando.

AGNES: (Em voz baixa, estupefata) Que é que você está fazendo? Não está vendo? ...

Bárbara não compreende as palavras de Agnes; toma-as por seu sentido literal e, vendo o sangue, corre para Agnes.

BÁRBARA: (Afetuosa) Vem cá, deixa eu ver isso. Eu vou cuidar... (Pega a mão de Agnes e vê o sangue correndo). Ah, meu Deus!

Em pânico, Bárbara corre para o seu baú, pega um lenço e ajoelha-se diante de Agnes para tentar estancar o sangue. Agnes deixa que ela trate de sua mão, sem se mover, sem falar. Depois, leva o punho sob o queixo de Bárbara, forçando-a quase brutalmente a encará-la. Levando a mão ferida perto do rosto de

Bárbara, ela arranca o curativo e atira-o no meio dos restos de colagem sobre a cama. Bárbara quer detê-la, mas é tarde. Então, tomando a mão de Agnes e trazendo-a para si, como num transe, ela beija o ferimento.



AGNES: (Cruelmente) Monstro! Sugando meu sangue!

Bárbara olha para Agnes, visivelmente magoada. Tenta dizer alguma coisa, mas nenhuma palavra escapa de seus lábios.

AGNES: Quer dizer que você se preocupa comigo?

BÁRBARA: (Num fio de voz, chorando) Sim, sim... eu me preocupo com você...

AGNES: (Interrompendo) Quer dizer que você gosta de mim?

BÁRBARA: (Chorando suavemente) Sim, sim! Eu gosto de você.

AGNES: Então prova!

BÁRBARA: (Após um momento de silêncio, lentamente, quase inaudível) O que é que você quer que eu faça?

Agnes cospe em sua mão e oferece-a a Bárbara.

AGNES: (A voz fria e firme) Lambe.

Os olhos de Bárbara passam da mão de Agnes para os seus olhos. Permanece assim por um momento. Então, muito devagar ela volta a olhar a mão da outra e, aproximando seu rosto, com extrema lentidão, quase eroticamente, ela lambe a cuspidada.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226-0242 - CEP 90020-025

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010
CENA III

Bárbara está dormindo em sua cama. No chão, Agnes olha-se num espelho com atenção. Em seguida, ela pega um colar feito de pedacinhos de osso, e enrola-o num punhal e numa vela *bordeaux* e coloca-os numa

pequena caixa, que esconde sob seu colchão. Vai então até a cadeira de Bárbara, envolve-se numa mantilha espanhola e senta-se, olhando com firmeza para Bárbara, que se move agitadamente em meio a um pesadelo. Ela sorri, sempre olhando para Bárbara, e vira-se para a platéia com uma expressão neutra.

BÁRBARA: (Acordando em pânico) Agnes?!!

AGNES: (Numa voz profunda, quase suave) Sim?

BÁRBARA: (Vira-se para Agnes, assustada ao ouvir a voz desta vinda de trás de si) Ah! ... Você está aí.

AGNES: (Sorrindo com leve ironia) E, eu poderia estar em algum outro lugar?

BÁRBARA: (Não responde; pausa; falando consigo mesma). Ah, meu Deus! Eu tocava nas coisas e não sentia elas... e o som... o som às vezes era alto, às vezes mal dava pra ouvir... e o silêncio... (para Agnes). Você já ouviu o silêncio?

AGNES: (Como sempre, com um certo tom de desdém) Muitas vezes.

BÁRBARA: É horrível, não é? (Recosta-se nas almofadas, os braços sob a cabeça). Tinha um pacote pra mim sobre os degraus. Na escada da frente da casa. E a casa era minha...

Agnes, a princípio confusa, entende agora a que se referem as palavras de Bárbara. Bárbara volta-se para Agnes.

BÁRBARA: Eu nunca tinha visto essa casa antes, mas eu sabia que era minha. E o pacote estava lá... com o meu nome. (Novamente como se falasse consigo própria)... Aí eu tentei entrar mas a porta — uma porta de vidro — estava trancada. Eu tentei forçar, muitas e muitas vezes... eu precisava entrar... estava escuro, frio, e eu estava apavorada! Aí eu enxerguei uma pessoa lá dentro, sentada numa cadeira — uma mulher. Eu não conseguia ver o rosto dela. Eu bati de novo, bati... Ela se virou e ficou olhando para mim. E... Agnes (volta-se para a outra)... era eu! Eu gritava, mas não ouvia o som da minha voz; bati com mais força, mas não sentia a porta... e você continuava sorrindo.



AGNES: Eu?

BÁRBARA: Ahn...?

AGNES: Você disse que *eu* estava sorrindo. Quem estava lá? Você e eu?

BÁRBARA: Você... e eu. Quer dizer... só havia uma pessoa mas... Era eu, mas eu sabia que era você. Eu estava lá, sentada naquela cadeira, olhando pra mim mesma, enrolada naquela mantilha...

Ela pára, estupefata, ao notar que Agnes está usando a mantilha. Agnes levanta-se rápida; seu movimento faz cair a mantilha sobre a cadeira. Ela vai até o armário, toma uma garrafa térmica e serve-se de café.

AGNES: (Com determinação) Você precisa é de um bom café. Seria melhor um chá, mas não tem chá, portanto...

Estende a xícara para Bárbara, que permanece em silêncio. Agnes apalpa a testa, a face e o pescoço de Bárbara.

AGNES: Febre.

Bárbara não está prestando atenção, toma seu café muito lentamente. Agnes vai ao banheiro e volta com uma bacia de água e uma pequena toalha. Ajoelha-se diante da cama de Bárbara, coloca a bacia no chão, molha a toalha e torce-a.

AGNES: Vem cá.

BÁRBARA: Não gosto disso.

AGNES: Vai te fazer bem.

BÁRBARA: Não, não é isso... (referindo-se à toalha) é o sonho... (Pausa. Bárbara vai até Agnes que começa a umedecer sua testa com a toalha). Eu nunca sonho... pelo menos nunca me lembro. Poucas vezes eu consigo me lembrar de um sonho ou de pedaços dele. Tenho medo. Me sinto ameaçada. Parece que tem alguma coisa escondida atrás de tudo isto.



Agnes sorri, continuando a umedecer o rosto, o pescoço e o colo de Bárbara. De quando em quando, ela volta a molhar e torcer a toalha e recomeça o trabalho.

AGNES: (Num tom ausente) Eu sempre sonho... e me lembro. Alguns sonhos eu gostaria de sonhar de novo... ou sonhar a continuação. Tem outros que se repetem, seguidamente, e aí é muito chato. É assim como se assistir um mesmo filme infinitas vezes... (Lentamente, mudando de tom). Uma noite, eu sonhei com um estádio; ou circo — não sei bem... Cheio de gente. Tinha uma outra pessoa junto, uma mulher. De repente, eu estava sozinha. Tentava encontrar a porta pra entrar e fui dar num corredor comprido, com uma porção de portas, todas abertas. Cada porta dava pra um quarto cheio de cadáveres. Cadáveres ensangüentados, escurtejados, amontoados, sem cabeça, sem pernas, sem braços...

Bárbara fica um pouco angustiada, porém a voz de Agnes é tão calma e doce, assim como seus gestos — uma suave carícia no rosto de Bárbara. Agnes depõe a toalha, molha as mãos e toca as têmporas de Bárbara, deslizando-as afetuosamente pelo rosto, ombro e colo da outra. Lentamente, com o contato de Agnes, a expressão de Bárbara vai passando da angústia à serenidade. Bárbara olha Agnes nos olhos como se fascinada pelo seu tom magnético e envolvente.

AGNES: ...E eu comecei a correr, tentando alcançar a porta. Tinha alguém correndo na minha frente... E... eu sabia... Podia sentir alguém correndo *atrás* de mim. Quando cheguei na porta, a pessoa que ia na frente passou e fechou a porta. Tentei abri-la mas a pessoa resistiu empurrando a porta pelo lado de fora. Eu podia ver o rosto dela. Uma mulher em pânico, aterrorizada... mas o rosto ao mesmo tempo expressava uma outra coisa... Terror... e piedade. Como se ela lamentasse aquilo que estava fazendo, embora soubesse que tinha que fazer. Então eu comecei a sentir alguma coisa fria, gelada, colando-se ao meu corpo, me abraçando, me sufocando... (Bárbara recosta-se, aconchegando-se em

Agnes)... e de repente eu estava fora (mudando para um tom casual). Havia um carrinho de mão cheio de cadáveres, e um Volkswagen. Eu abri a porta, e um cadáver sem cabeça e com os braços decepados como uma Vênus ensangüentada despencou. Eu o retirei do carro, entrei e fui embora.

BÁRBARA: (Carinhosamente, os olhos cerrados, quase dormindo) Pra onde?

AGNES: (Com ternura) Não sei... Eu ainda estou no caminho. Talvez...

BÁRBARA: (Cortando) Eu estou sozinha.

AGNES: Eu sei. Você está sozinha e eu estou com você, cara a cara.

Bárbara interrompe Agnes, colocando sua mão carinhosamente sobre os lábios desta. Então, desliza seus dedos entre eles. Agnes suavemente prende os dedos de Bárbara entre os dentes. Bárbara sorri.

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

CENA IV

No meio do palco, entre as duas áreas básicas, Bárbara põe o *tarot*. À sua direita, perto das cartas, há uma vela acesa, um cálice de água, uma pedra e uma velha chave. Um bastão de incenso queima próximo a uma pequena campainha. Agnes encontra-se perto de Bárbara.

BÁRBARA: Que tal estou me saindo?

AGNES: Bem. Você está indo bem. Logo você será melhor profetiza do que eu. Isso sempre acontece. O discípulo supera o mestre (Pausa). Teve só um erro.

BÁRBARA: Qual?

AGNES: Pára de me perguntar as coisas. Sou eu quem pergunto. Você só responde (Bárbara reage). Está vendo? Você tem que confiar em si mesma. Eu não vou ficar aqui pra sempre. (Bárbara, por um momento, encara-a com seriedade). Vamos voltar às cartas. Vamos ver o meu futuro.

Teatro — Prêmio Revelação — 87

Bárbara volta-se às cartas, por um momento fecha os olhos para concentrar-se e começa o ritual. Faz soar a campainha, coloca as mãos perto da chama e retorna às cartas.

BÁRBARA: (Virando a sexta carta, que está no lado esquerdo da cruz) A carruagem! (Um tanto artificial). No seu futuro próximo eu vejo problemas e adversidades... um grande esforço... mas depois triunfo e grandeza.

Agnes sorri misteriosamente. Bárbara respira, buscando mais concentração. Em seguida, vira as três últimas cartas, uma após a outra, da esquerda para a direita. As cartas são: o Coringa, o Imperador e o Sol.

BÁRBARA: Você é uma pessoa extremamente determinada, daqueles que levam uma tarefa até o fim... Você tem a habilidade de escolher suas próprias ações. Vejo em você... resolução, autoconfiança, autocontrole, habilidade, domínio. Seu espírito indomável, sua convicção, sua resistência fazem com que você tenha poder sobre as outras pessoas... liderança. A inteligência e a razão predominam sobre a emoção e a paixão. O sol, na casa das suas emoções, vai lhe dar satisfação e alegria no presente. Uma relação positiva...

Pára e vira a última carta.

BÁRBARA: (Rompendo a concentração) Eu não entendo...

AGNES: (Calma, sorrindo) O quê? O significado da carta?

BÁRBARA: Eu sei o que ela significa... é a morte!

AGNES: E daí? ...

BÁRBARA: Agnes, é a MORTE!

AGNES: E o que é que tem? Isso não significa nada.

BÁRBARA: Talvez... tudo.

AGNES: (Sorrindo). É. Você está aprendendo. (Pausa). Olha, a última carta, a Carta dos Resultados Finais — não possui um sentido próprio. Ela deve se relacionar com as outras cartas pra ter um significado. Todas as outras eram boas, especialmente o Coringa e o



Sol. Nenhuma estava invertida. E se a carruagem tivesse problemas pra mim, ao mesmo tempo ela indica vitória no final. Está vendo? Esta carta significa a morte do velho "eu" — não necessariamente morte física. É uma alteração, uma mudança. Abrindo caminho para a transformação, o começo de uma nova era.

BÁRBARA: (Aliviada) Bom... é melhor assim... Mas (ainda apreensiva)... não sei não, não estou gostando disso.

Agnes sorri. Bárbara recolhe as cartas, embaralha-as de cabeça para baixo e estende o baralho a Agnes.

BÁRBARA: Agora é a tua vez. Me conta alguma coisa.

AGNES: O quê?

BÁRBARA: O presente eu sei...

AGNES: Sabe?

BÁRBARA: Imagino.

AGNES: Bom... o que é que você quer saber?

BÁRBARA: Em duas cartas: meu passado e meu futuro.

Agnes sorri, arruma as cartas e vira a quinta carta, a do ponto superior da cruz.

BÁRBARA: E então?

AGNES: A Casa de Deus — invertida... Vejo opressão no seu passado... incapacidade de realizar uma mudança necessária... capturada, aprisionada, oprimida.

BÁRBARA: E... o futuro?

Agnes vira a sexta carta, do lado esquerdo da cruz.

AGNES: Força... invertida.

BÁRBARA: (Com espanto e apreensão) Han!

AGNES: Abuso de poder...

BÁRBARA: Eu?

AGNES: Tirania... discórdia... Sucumbindo à tentação.

BÁRBARA: Ah, meu Deus! ... Me dê uma chance... Talvez... E os resultados finais?

Agnes vira a décima carta.

AGNES: O Julgamento: Mudança de posição... crescimento... evolução, renascimento.

BÁRBARA: Ufa! Até que enfim!

AGNES: (Sorrindo) Mas... leva tempo.

BÁRBARA: Eu sei. Eu vou esperar... e batalhar por isso.

Agnes recolhe o baralho. Bárbara apaga a vela.

BÁRBARA: Que curioso... abuso de poder... eu!

AGNES: Ué? E por que não?

BÁRBARA: Ora, faça o favor! Olha só pra mim! Fraca, fraca desse jeito. Eu não tenho poder nenhum.

AGNES: Você *era* fraca, minha querida... era.

BÁRBARA: (Refletindo) Você acha que eu mudei?

AGNES: Te olha num espelho!

BÁRBARA: O que é que tem eu? ... Você quer dizer... as minhas roupas?

Ela está vestida de *jeans*, com uma camisa amarrada na cintura — bem diferente do seu estilo formal da primeira cena.

AGNES: Claro que não. Caminha... caminha um pouco.

Bárbara obedece, volta-se para Agnes com um olhar interrogativo.

AGNES: Não está vendo?

Bárbara nega silenciosamente.

AGNES: Quando você chegou, podia notar que os meus pés estavam sujos, mas não a cor dos meus olhos.

BÁRBARA: (Compreendendo o que Agnes quer dizer, rindo) É verdade... Quer dizer que eu mudei.

AGNES: Pelo menos agora você sabe lutar pelo que quer.

90 / Maria da Graça F. Freire Nunes



Ambas riem. Pausa longa.

AGNES: Meu Deus, como eu queria uma coisa doce pra comer.

BÁRBARA: É... (Pausa) Hey! Espera um pouco.

Ao mesmo tempo, as duas olham para o balcão e correm para ele. Quando chegam, Agnes tenta bloquear a porta. Ela assume a sua máscara de dominadora agressiva, mas desta vez não parece nada convincente. Bárbara começa a rir. Agnes resiste por um momento até que também explode numa risada. Bárbara abre o balcão, tira o último quindim, divide-o pela metade e dá um pedaço a Agnes. Ambas dirigem-se para a boca de cena. Bárbara vai para a Área de Agnes, e esta para a área de Bárbara, comendo o quindim. Após alguns passos estatizam.

CENA V

Bárbara está sentada na sua cadeira. Perto dela, sobre uma das caixas, há um prato com uma galinha assada. A carne branca está no prato de Bárbara. O outro prato está vazio. Agnes está em sua área. Ela mantém um silêncio tenso, seus dedos brincando com o cabelo.

BÁRBARA: Ora, por favor. Você não vai morrer de inanição só porque eu peguei a parte branca.

Agnes permanece em silêncio.

BÁRBARA: Não seja boba... vamos lá...

AGNES: Eu não gosto de carne escura.

BÁRBARA: Nem eu. Aliás, antes você sempre pegava a carne branca e eu tinha que me contentar com os *restos*. Agora é a minha vez de ficar com a melhor parte.

Teatro — Prêmio Revelação / 91



AGNES: Você podia pelo menos ter me dado um pedaço.
BÁRBARA: Mas pode se servir à vontade... da carne escura, é claro.
(Pausa. Pega uma coxa de galinha e mostra-a a Agnes). Tentadora não?

Agnes vira o rosto para não ver mais Bárbara. Esta ri.

BÁRBARA: (Pegando o peito da galinha) Olha só! Que maravilha!

Bárbara parte o pedaço em dois, leva-o à boca e mergulha os dentes nele. Seu movimento é lento e sensual.

BÁRBARA: (Com uma expressão de prazer) Delicioso!

Agnes observa com uma expressão de fome e raiva. Bárbara ri ao notar a expressão de Agnes. Pega uma coxa da galinha e atira-a no prato desta.

BÁRBARA: É melhor comer. Essa é a ração do dia, e, você sabe, nós só vamos ter comida de novo amanhã. Para quem está morrendo de fome um dia e uma noite podem ser muito longos.

Agnes, depois de um momento de hesitação, levanta-se e encaminha-se para o prato. Pega-o e vai sentar-se numa caixa em sua área, comendo a coxa com um certo nojo.

BÁRBARA: (Sorrindo) Muito bem... como uma menina bem comportada.

AGNES: (Fitando-a com raiva) Você me paga por isso.

Bárbara ri e volta a comer vorazmente. Silêncio enquanto as duas comem. Depois, Bárbara junta os restos e coloca-os no armário.

BÁRBARA: (Atirando um outro pedaço a Agnes) Bom proveito! (Cinicamente). Dá pra ver pela sua cara que está simplesmente divino.

Agnes pega o pedaço sem dizer nada. Bárbara senta-se em sua cadeira, folheando distraidamente uma revista, enquanto cantarola fragmentos de uma música. Agnes limpa o prato e acintosamente tira um cigarro do maço de Bárbara. Esta ignora a provocação.

AGNES: (Firme, tensa) Me dá o isqueiro.

Bárbara não reage.

AGNES: Me dá o isqueiro.

Bárbara encara-a, quase aceitando o desafio. Depois, pega o isqueiro de sua prateleira e joga-o para Agnes. Agnes tenta acendê-lo diversas vezes, mas sem resultado. Bárbara ri.

AGNES: O que é que houve?

BÁRBARA: Está sem gás.

AGNES: (Jogando-o fora) Merda!

Agnes enfia os cigarros de volta no maço. Começa a tamborilar ritmadamente com os dedos no chão. Bárbara levanta-se e acende com um fósforo as duas velas, uma em cada área. Depois disso, retorna à sua revista.

BÁRBARA: Dá para parar com este barulho fudido? Ele me incomoda.

Agnes levanta-se e põe-se a caminhar.

BÁRBARA: (Tentando não perder a calma) Pior ainda!

AGNES: O quê?

BÁRBARA: Eu disse que isso é ainda pior. Como é que eu posso me concentrar, nesta bosta com você caminhando pra lá e pra cá em volta de mim?

AGNES: Eu não estou caminhando em volta de você, e você não está lendo essa bosta. Você só está querendo arranjar confusão. Essa é

que é a verdade. Desde que você acordou hoje de manhã, não pára de me provocar, como vive fazendo ultimamente. Eu não quero brigar, será que você não vê? Eu estou cansada, cansada, Bárbara. Brigas e mais brigas, dia após dia, noite após noite, mês após mês! Pra mim chegou, entendeu? Chegou!

BÁRBARA: Mas não pra mim, meu bem. Eu estou recém começando.

AGNES: Então você vai brigar sozinha. Eu estou fora do jogo, tá bem? Fora! Eu não vou aceitar as tuas provocações. Eu vou ficar no meu lugar sem me mexer, sem falar, sem...

BÁRBARA: (Cortando) VIVER.

AGNES: É isso mesmo. Eu não vou viver. É isso mesmo! Eu vou embora, Bárbara.

BÁRBARA: Não enquanto eu conseguir reter você aqui. Agora é a minha vez, Agnes, a minha vez de viver!

AGNES: Não. É a sua vez, mas de aprender ainda. É um caminho longo, Bárbara. Você está na metade dele. Mas eu estou pronta. Agora eu sei os meus limites. Eu sei o que eu sou. Tenho a mim mesma em minhas mãos. (Pausa). Sim, eu posso lutar; posso lutar até a morte, mas por alguma coisa que eu acredite. Conheço os meus direitos, e sei o que realmente mereço. Posso conseguir as coisas que eu sei que me cabem por direito. Ninguém pode me forçar a fazer o que eu não sei ou não quero. Nunca, nunca mais! A minha vida me pertence. Eu estou livre, Bárbara. Estou livre. E não preciso roubar nada de ninguém. Não preciso subjugar, capturar, aprisionar, oprimir para ser o que eu sou: LIVRE. Finalmente compreendi o que significa estar vivo, o que significa estar no mundo. Eu vejo o meu rosto e assim eu posso ver os dos outros. Agora eu sou capaz de amar. Estou pronta, Bárbara, estou pronta. Tenho de ir embora.

BÁRBARA: Ainda não!

Bárbara aproxima-se de Agnes e pára a uma pequena distância dela, cara a cara. Ela toca o rosto de Agnes, deslizando os dedos ao longo do pescoço com certa força.

BÁRBARA: Eu preciso de você, Agnes. Eu dependo de você. A minha força depende da tua força. Você vai ficar aqui comigo. (Ela se-

gura a garganta de Agnes sem apertá-la). Eu me alimento com você... Eu não vou te deixar ir embora.

Agnes segura o pulso de Bárbara com ambas as mãos.

AGNES: Eu tenho de ir. Eu fiz a minha parte, você tem que fazer a sua. Pra mim terminou. É você que deve continuar.

Ainda com a mão na garganta de Agnes, Bárbara abraça-a, trazendo-a para perto de si. Bárbara força Agnes a ajoelhar-se. Agnes, segurando Bárbara, faz com que esta desça junto. Este é um movimento, suave, sem violência. Elas permanecem no chão, cara a cara, olhando-se nos olhos.

BÁRBARA: Você vai ficar comigo.

Suavemente, Agnes toca Bárbara, seguindo com os dedos as linhas de seu rosto, gravando-o em sua memória.

AGNES: Eu não vou... esquecer.

Agnes atira a cabeça para trás, deixando cair os braços. Toda força se esvai de seu corpo. Bárbara sustenta Agnes; lentamente escorregam para o chão. Bárbara mantém a outra em seus braços. Em seu rosto transparece uma serena dor.

BÁRBARA: Nós não vamos esquecer.

Na cena vêm-se as suas sombras contra as chamas das velas.



CENA VI

Bárbara está de pé, sozinha, perto da cama de Agnes. Ela está reorganizando a mobília. Suas coisas estão agora na área de Agnes, a mobília desta está no mesmo lugar em que estava a de Bárbara no início. O colchão de Agnes está enrolado, e sem lençóis. Bárbara olha à sua volta e subitamente pára, tensa, olhando para um determinado ponto. Então, vagorosamente encaminha-se para este ponto, ajoelha-se e com os dedos, acaricia as marcas de fogo do chão. Olha para a mão e esfrega as cinzas no rosto. Levanta-se, em seguida, e põe-se a caminhar, inquieta, como um gato selvagem numa jaula. Passados alguns momentos, ela pára, olha a área desabitada e vira-se para a platéia. Sua boca abre-se num longo e silencioso grito de dor, enquanto a expressão desaparece de seu rosto.

CENA VII

Bárbara caminha, fumando um cigarro. Seu rosto revela angústia. De repente ela ouve um ruído e pára tensa. Alguém se aproxima. Bárbara, hesitante, olha para a sua cama e depois para a porta. A angústia aumenta em seu rosto. Afinal, toma uma decisão. Apaga o cigarro, deita-se em sua cama e finge estar dormindo. Carla entra. Lentamente dá alguns passos para dentro do espaço cênico e então pára. Olha para trás com tristeza, larga a bagagem e observa o ambiente ao seu redor sem se mover. Bárbara acorda, e bruscamente, senta-se na cama de frente para Carla. Depois de um tempo ela sorri, mas não de uma maneira agradável. Sua expressão é fria, irônica, quase ameaçadora.



BÁRBARA: Ah! Você chegou afinal! ... (friamente). Está atrasado, estou te esperando há um bom tempo.

CARLA: Mas como é que você sabia... (Observando a expressão inquisidora)... que eu ia chegar?

BÁRBARA: Tem sempre alguém chegando... e partindo.

Pausa longa. Bárbara levanta-se vagorosamente e dirige-se para Carla, medindo-a de alto a baixo. Carla, tensa, não se move e olha apreensivamente para Bárbara. Ambas estatizam no meio da ação.

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025